

Alexandre Garcia

“A explosão, liderada pelos jovens cubanos, derruba as narrativas sobre um regime que acena com igualdade e bem-estar, mas na verdade fracassa em ambos e suprime a liberdade”

Cuba libre

Cuba me fala de muito perto. Como repórter radiofônico, passei dois anos na Rádio Independente falando em Fidel na Sierra Maestra, em 1957 e 1958, até a queda do ditador Fulgencio Batista, no início de 1959. Também fui influenciado pela reportagem de Herbert L. Matthews, do *New York Times*, de fevereiro de 1957, que mostrava um Fidel democrata, com um Exército pronto pa-

ra derrubar Batista, quando, na verdade, tinha pouco mais de 20 homens e era um comunista dissimulado. A história daquela narrativa resultou no livro *O Homem que Inventou Fidel*, de Anthony DePalma, também do *NY Times*.

Nos anos 1960, Cuba exportava *La Revolución* para a América Latina, para criar “muitos vietnameses” — quase chegou a isso no Chile de Allende. Em Cuba,

foi um período de milhares morrendo nas prisões políticas e de um número calculado em até 17 mil fuzilados no *paredón*. Em 1982, nos céus de Angola, precisei pilotar um bimotor sem ter breví, porque o piloto apagou, e só estávamos ele e eu. Quando o piloto acordou, constatou que eu havia saído da rota segura e estávamos acima de baterias cubanas. Eles demoraram a perceber, e nos safamos voando baixíssimo. Por fim, Cuba me fala perto, porque prezo muito os cubanos que conheço, refugiados aqui em Brasília; alguns foram apre-

sentados ao vinho em minha casa.

Nos anos 1980, meu companheiro de almoços, o então embaixador de Cuba, Jorge Bolaños, figura importante do regime, me disse, em gracejo, que Fidel aprendera com o carro inglês: “*Hace los cambios com la izquierda, pero maneja com la derecha*”. Enquanto durou a União Soviética, Cuba teve ajuda econômica; depois de 1989, começou a afundar. Agora, os cubanos chegam ao limite. Por 62 anos privados de liberdade, estão explodindo, mesmo sem armas. O regime está reprimindo o povo nas ruas, onde

clamam por *Cuba libre*, e por *Libertad* — palavras banidas por seis décadas.

A explosão, liderada pelos jovens cubanos, derruba as narrativas sobre um regime que acena com igualdade e bem-estar, mas na verdade fracassa em ambos e suprime a liberdade. Que cria a burguesia da nomenclatura do partido. Uma utopia que vende sonhos e se transforma em pesadelo. Ontem manifestantes com bandeiras do PC-doB e do PT, diante da Embaixada de Cuba, no Lago Sul, prestaram sonora solidariedade ao regime.

CPI vê interferência da PF

Senadores reclamam que ações da Polícia Federal prejudicam trabalhos. Comissão remarca para hoje interrogatório de diretora da Precisa, que se recusou a responder a perguntas, e ouvirá, também, sócio da empresa. Aziz ameaça com prisão quem adotar silêncio total

» LUIZ CALCAGNO
» SARAH TEÓFILO

A Precisa Medicamentos — que intermediou a compra da vacina indiana Covaxin entre o Ministério da Saúde e o laboratório Bharat Biotech — vai concentrar as atenções, hoje, da CPI da Covid. Os senadores tomarão o depoimento do sócio da empresa, Francisco Maximiano, e da diretora-executiva, Emanuela Medrades. A funcionária da Precisa compareceu, ontem, à comissão, mas se recusou a responder às perguntas dos parlamentares, usando como alegação o habeas corpus obtido no Supremo Tribunal Federal (STF). Ao fim de uma sessão tensa, o presidente do colegiado, Omar Aziz (PSD-AM), remarcou a oitiva dela para esta quarta-feira e já avisou que poderá decretar a prisão, por desobediência, de quem optar pelo silêncio total.

Emanuela Medrades ocupou uma sessão inteira para dizer, apenas, que não houve irregularidades no contrato. Questionada pelo relator da CPI, Renan Calheiros (MDB-AL), sobre sua atribuição na Precisa e se desempenha outra atividade fora da empresa, ela não respondeu. A situação provocou alvoroço entre os senadores, e Omar Aziz suspendeu os trabalhos para pedir esclarecimentos ao presidente do STF, Luiz Fux, sobre a extensão do habeas corpus concedido por ele à diretora da empresa de medicamentos.

O ministro explicou que “nenhum direito fundamental é ab-

solutivo” e destacou que a comissão tem autonomia para decidir se um depoente abusou “do exercício do direito de não-incriminação”. “Se assim entender configurada a hipótese, dispõe a CPI de autoridade para a adoção fundamentada das providências legais cabíveis”, acrescentou.

Após a decisão de Fux, a sessão foi retomada, por volta das 20h, mas Emanuela Medrades se recusou novamente a responder às perguntas e se disse exausta. O senador Alessandro Vieira (Cidadania-SE), destacou que havia motivos suficientes para prendê-la, caso Aziz decidisse. O presidente da

CPI, no entanto, atendeu ao pedido da depoente e remarcou a oitiva. “Eu espero que a senhora esteja aqui às 9h para responder a todas as perguntas que nós lhe faremos. Veja bem, a senhora é que está se comprometendo aqui. A senhora disse: ‘Eu vou responder’”, alertou Aziz.

Para o vice-presidente do colegiado, Randolfe Rodrigues (Rede-AP), “a grande vitória da CPI foi a decisão do ministro Luiz Fux em relação a esse artifício, que tem sido utilizado pela Precisa em colaboração com o governo federal”. De acordo com o senador, o Executivo tem usado a Polícia Federal, que também investiga o contrato, para atrapalhar as apurações do colegiado. Isso porque, a depoente afirmou que, no dia anterior, prestou depoimento à PF sobre o caso Covaxin. “O modus operandi é simples: instaura a investigação, transforma os que vêm para a CPI em investigados, para que, assim, eles pos-

Pedro França/Agência Senado



Emanuela Medrades se recusou a responder a perguntas, ontem, alegando o HC obtido no Supremo

sam obter habeas corpus no Supremo”, destacou o senador.

Aziz fez coro ao colega: “Inexplicavelmente, o senhor (Francisco) Maximiano se torna investigado um dia antes de vir depor e, inexplicavelmente, a nossa depoente de hoje (ontem) também é ouvida um dia antes de vir depor. Não quero eu aqui fazer qualquer tipo de pensamento de que há um movimento. Longe de mim falar isso da Polícia Federal, mas é estranho”, frisou. Assim com a diretora-executiva, o sócio da Precisa vai depor com habeas corpus concedido pelo STF de não res-

ponder a perguntas que possam incriminá-lo.

Para o senador Humberto Costa (PT-PE), é claro haver “uma tentativa de sincronizar os movimentos da CPI com algumas decisões que a Polícia Federal está tomando em relação a ouvir as pessoas”.

Defesa

A Polícia Federal rebateu as críticas dos senadores. Em nota, assegurou que “trabalha de forma isenta e imparcial, em busca da verdade real dos fatos, sem

perseguições ou proteções de qualquer natureza”.

Conforme a instituição, “a investigação atende às disposições constitucionais e legais, o que inclui o prazo regular para a sua conclusão; a produção de provas, sobretudo a oitiva de pessoas que possam contribuir para a elucidação dos fatos”. “Não está atrelada a outras investigações em andamento sobre o caso. A PF possui métodos e estratégias próprios de investigação, devidamente supervisionados pelo Poder Judiciário e reconhecidos nacional e internacionalmente”, completou.

Câmara convoca Braga Netto

» ISRAEL MEDEIROS
» RENATO SOUZA

A Câmara aprovou, ontem, requerimento para que o ministro da Defesa, Walter Braga Netto, compareça à Comissão de Fiscalização e Controle, em 17 de agosto, com o objetivo de explicar a nota assinada por ele e pelos comandantes das Forças Armadas, na semana passada, em tom de ameaça à CPI da Covid, no Senado. O comunicado foi emitido, no último dia 7, após declarações do presidente da comissão, Omar Aziz (PSD-AM), sobre a existência de um “lado podre” no Exército, na Marinha e na Aeronáutica, ou seja, integrantes envolvidos em corrupção.

Além de Braga Netto, assinam o documento o comandante do Exército, general Paulo Sérgio; da Marinha, Almir Santos; e da Aeronáutica, Carlos Baptista Júnior. Eles disseram, na nota, que não aceitariam “qualquer ataque levado às instituições que defendem a democracia e a liberdade do povo brasileiro”. Parlamentares encaram a nota como uma tentativa de intimidação, e os senadores do G7 da CPI justificaram que a comissão não investiga instituições e, sim, indivíduos.

O requerimento de convite a Braga Netto foi apresentado pelo deputado Elias Vaz (PSB-GO) e subscrito por Kim Kataguiri (DEM-SP), Léo de Brito (PT-AC), José Neto (Podemos-GO), Padre João (PT-MG) e Hildo Rocha (MDB-MA). “Não vamos aceitar intimidação ao trabalho parlamentar de fiscalização de agentes públicos. A lei é para todos, doa a quem quer”, frisou Vaz. “O papel das Forças Armadas e do Ministério da Defesa não é tentar esconder irregularidades e atacar quem investiga corrupção, mas, sim, identificar e responsabilizar quem comete crime.”

A iniciativa da Câmara teve repercussão no Senado. O relator da CPI, Renan Calheiros (MDB-AL), pediu urgência para que seja aprovada a convocação de Braga Netto também no colegiado. “Braga Netto faz ameaças diurnas, com retrocesso, com golpes, desfazendo a própria essência dos golpes. Nós já tivemos golpes no Brasil, rupturas institucionais, mas nós nunca tivemos um golpe como este que está sendo ameaçado, na defesa de um governo corrupto e impopular, de acordo com o entendimento da população brasileira”, enfatizou. “Então, nós temos, sim, de fazer essas convocações, porque essa investigação precisa avançar da forma que for necessário. E a presença nesta comissão do ministro Braga Netto é fundamental para que muitos desses aspectos possam, verdadeiramente, se esclarecer.”

Aziz contra-ataca

O presidente da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid, Omar Aziz (PSD-AM), devolveu os ataques do presidente Jair Bolsonaro à comissão e afirmou que o chefe do Planalto é “agressor de mulheres” e um “péssimo presidente”. O chefe do Planalto enfrenta desgaste no colegiado e é acusado de cometer crime de prevaricação na compra da vacina indiana Covaxin.

O comentário de Aziz foi feito durante sessão da CPI, ontem, após ele ter sido criticado por ordenar a prisão do ex-diretor de Logística do Ministério da Saúde Roberto Ferreira Dias, na semana passada. Integrantes da tropa de choque do Planalto acusaram o senador de cometer abuso de autoridade. Após a ordem de prisão, o ministro da Defesa, Braga Netto, e os comandantes das Forças Armadas assinaram uma nota de repúdio criticando o presidente da CPI por declarações dadas anteriormente.

“Abuso de autoridade são as mortes, é a omissão, é ser complacente com um governo que não tem um milímetro de solidariedade, um presidente que é incapaz de ser solidário aos brasileiros, um presidente que abre a boca para

É uma pessoa (Bolsonaro) que não tem sensibilidade, agressor de mulheres”

Omar Aziz (PSD-AM), presidente da CPI

assacar contra quem se contrapõe a ele”, disparou Aziz. “É uma pessoa que não tem sensibilidade, agressor de mulheres, gosta de gritar com as mulheres, mas adora andar de moto. Grande motociclista do Brasil tem, péssimo presidente o Brasil tem”, acrescentou.

Bolsonaro tem disparo ofensas à CPI seguidamente. Na semana passada, em live, criticou a comissão por cobrar dele um posicionamento em relação às denúncias de corrupção na compra da vacina Covaxin. A resposta dele foi: “Caguei. Caguei para a CPI. Não vou responder nada. Não tenho paciência para ficar ouvindo patifes acusando o governo. Como a gente desmonta essa CPI de picaretas?”, afirmou.

Homenagem à servidora Fabiana Queiroz

Marcos Oliveira/Agência Senado



Na sessão da CPI da Covid, a senadora Simone Tebet (MDB-MS) leu uma homenagem à consultora legislativa Fabiana Queiroz, que morreu no domingo, vítima do novo coronavírus. Servidores do setor, que elaboraram o texto, lembraram da alegria da colega. “A perda dói muito. Dói porque Fabiana tinha um espírito leve, alegria contagiosa, inteligência generosa e gosto pelo seu trabalho. Dói porque Fabiana queria muito viver e lutou por sua vida com todas as suas forças até o fim.

Dói porque o avanço da vacinação traz esperança de que essa doença possa ser controlada. É uma perda ainda mais sentida pelo revolta e o desamparo de saber que essa morte, a exemplo de milhares de outras, também poderia ter sido evitada”, diz a nota. Após a leitura, os senadores fizeram um minuto de silêncio em homenagem a Fabiana e aos mais de 530 mil mortos pela covid-19 no país. A servidora tinha 46 anos e morreu depois de 50 dias internada.